

# Jornal Econômico

## Impactos da Pandemia no Mercado de Trabalho

### EDITORIAL

Desde o dia 16 de março de 2020, quando houve o primeiro caso de morte pelo novo coronavírus, o Brasil vive uma pandemia que impôs mudanças à população devido a quarentena e esta repercute na economia.

Até o momento\*, existem mais de 858,661 mil mortes pela COVID-19 no mundo, 123,780 mil só no Brasil. Em número de infectados, o Brasil ocupa o segundo lugar no mundo, com 3,997 milhões de pessoas infectadas, atrás apenas dos Estados Unidos. No Mato Grosso, já são 94,302 mil casos confirmados e 2,816 mil mortes, das quais 244 são de Rondonópolis-MT.

A atual crise de saúde tem graves efeitos econômicos e sociais. A dinâmica cotidiana mudou, as empresas fecharam por um período, a educação foi suspensa temporariamente até se tornar remota, as formas de trabalho possíveis foram alocadas para a residência dos trabalhadores, enfim, o cenário econômico brasileiro piorou após a pandemia do coronavírus.

Este boletim, o JORNAL ECONÔMICO, visa justamente apresentar à sociedade rondonopolitana os efeitos econômicos ocasionados pela crise de saúde, com informações claras para o entendimento coletivo. Esta iniciativa faz parte de um projeto de extensão – *Economia além dos muros* – do Curso de Ciências Econômicas da UFR,

com participação de professores, alunos e de parceiros da comunidade rondonopolitana. Nesta primeira edição, discutiremos os impactos da pandemia sobre o mercado de trabalho no Brasil, em Mato Grosso e na nossa cidade de Rondonópolis.

O Brasil tem historicamente elevado desemprego e alta informalidade, mesmo antes desta crise. De acordo com o CAGED, antes do surto de coronavírus no país, entre dezembro de 2019 a fevereiro de 2020, 11,6% das pessoas economicamente ativas estavam desempregadas. A elevada vulnerabilidade das pessoas empregadas também as tornam mais expostas à crise no mercado de trabalho, do total empregado, 17,4% não possuíam carteira assinada e 18% atuavam por conta-própria, sem CNPJ. Vale notar que o mercado de trabalho, já fragilizado, sofreu reflexos negativos imediatos da pandemia e, como o emprego é a principal fonte de renda das famílias, ele será destaque neste boletim.

Espero que vocês aproveitem a leitura e estejam cientes de que a saúde é fundamental e que não há retomada econômica que não passe pelo controle da crise sanitária.

Prof. Dra. Kelly Cardoso Faro

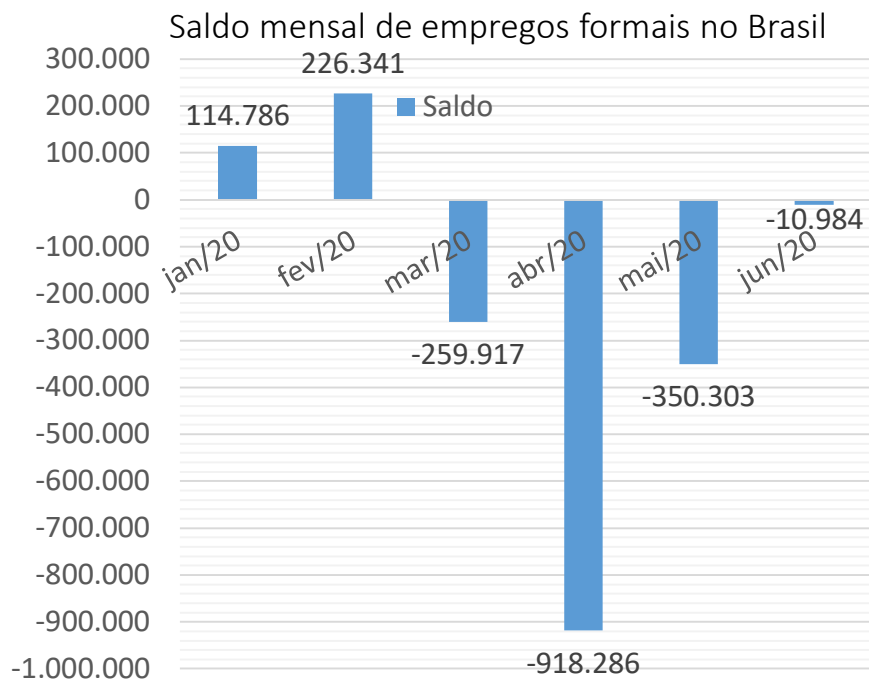
### Brasil

A pandemia trouxe enormes desafios para o Brasil e uma das principais preocupações atualmente é com o emprego, que já estava em patamares ruins, posto que o ano de 2019 terminou com uma taxa de desemprego de 11,9% (PNAD-IBGE). Com a chegada da COVID-19 no país, no final de fevereiro de 2020, a situação do mercado de trabalho se agravou. Em março, o Brasil apresentou perda de 259,9 mil postos de trabalho, superando o saldo positivo de vagas de janeiro e fevereiro e indicando que o mercado de trabalho sofreria bastante com a crise causada pela pandemia.

Em abril, quando o país já tinha mais de 85 mil casos da COVID-19, foi registrada a maior queda já contabilizada do saldo de empregos. Nesse mês, as demissões superaram as contratações em 918,2 mil postos de trabalho. Em maio e junho, os saldos negativos se mantiveram, porém em patamares menores. Como pode ser visualizado no gráfico, esses resultados

podem ser creditados à implantação do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda (BEM) e ao fato de alguns setores terem retomado suas atividades, em algumas regiões, ainda com limitações, por conta das medidas de combate a pandemia.

Em relação às atividades econômicas, o setor de serviços, que é o que mais emprega, também foi o mais atingido. No período de janeiro a junho de 2020, acumulou um saldo negativo de 507,7 mil vagas. Por outro lado, o único setor que no acumulado dos meses de 2020 mais contratou do que demitiu foi a agropecuária, que até junho, alcançou um saldo positivo de 128,9 mil vagas. Tal resultado teve grande contribuição das atividades da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, que em maio e junho foram as atividades com maiores saldos positivos na economia.



Avaliando os distintos grupos que compõem a população brasileira, as desigualdades ficam claras. Tem-se que as mulheres, as pessoas que têm entre 50 e 64 anos e as que possuem o ensino médio completo, são as que mais tem sofrido com a redução de postos de trabalho, já que enfrentaram uma queda brusca em abril e uma recuperação extremamente lenta em maio e junho.

Assim, tem-se que as adversidades trazidas pela pandemia agravam a situação do desemprego no país, que no segundo trimestre de 2020 chegou a 13,3% (PNAD-IBGE) e impõem uma série de desafios para os formuladores de políticas públicas para a população como um todo.

Prof. Dra. Aniela Fagundes Carrara  
 Aluno Rafael Aparecido de Almeida

## Mato Grosso

Em 2017, a economia mato-grossense cresceu 12,1%, registrando um PIB *per capita* igual a R\$ 37,9 mil, o quinto maior do Brasil (SEPLAG/MT). Atualmente, a pandemia e as medidas necessárias para contê-la têm provocado resultados inversos, como a desaceleração da atividade econômica, a paralisação de empresas e a demissão de trabalhadores.

Nesse contexto, quais os impactos da pandemia no mercado de trabalho mato-grossense? No primeiro semestre de 2020, as demissões superaram as contratações nos meses de março, abril e maio, sendo abril o pior mês para o mercado de trabalho, com 14,8 mil contratações e 27,7 mil demissões, ou seja, 12,8 mil empregos a menos em um único mês.

Nos três piores meses, a perda de empregos com carteira assinada chegou a 16,8 mil, com os maiores impactos sendo observados na faixa etária de 18 a 39 anos e nos trabalhadores com grau de instrução até ensino médio completo. Do total observado, 77,3% das perdas se concentraram no comércio (-6,9 mil) e no setor de serviços (-6,1 mil), segmentos mais sensíveis às medidas de isolamento social.

As atividades que mais destruíram postos de trabalho foram as seguintes: alojamento, comércio por atacado, alimentação, cultivo de soja e comércio varejista. No acumulado até junho, o comércio foi o único setor que registrou um saldo

negativo de vagas (-3 mil). Todas as demais atividades finalizaram o semestre com saldo positivo, com destaque para agropecuária (+2,6 mil), construção (+1,8 mil) e indústria (+1,9 mil).

Para os homens, os impactos foram mais intensos, porém concentrados em apenas dois meses: março e abril, registrando perda de 10,1 mil vagas. Para as mulheres, as demissões superaram as contratações nos meses de março, abril, maio e junho, com eliminação de 6,9 mil empregos com carteira assinada. Ou seja, os efeitos da pandemia sobre as trabalhadoras têm sido mais duradouros, indicando uma dificuldade maior para a reinserção das mulheres no mercado de trabalho formal.

Em relação à remuneração do trabalho, tem-se que o salário médio de admissão no semestre foi de R\$ 1.728,76, com as seguintes médias setoriais: agropecuária (R\$ 1.452,89), comércio (R\$ 1.480,73), construção (R\$ 1.739,05), indústria (R\$ 1.688,94) e serviços (R\$ 1.900,28).

É importante observar que o mercado de trabalho formal deu sinais de recuperação durante o mês de junho, com destaque para agropecuária (+3 mil), indústria (+1,4 mil) e construção (+986). Porém, trata-se de uma recuperação ainda insuficiente para repor as perdas registradas anteriormente.

Prof. Dr. Renato Nataniel Wasques  
 Aluno Alan Fernando Gil Vaz de Mello

UFR

## Rondonópolis

O primeiro caso confirmado da COVID-19 em Rondonópolis se deu no dia 17 de março. De lá para cá, várias medidas foram tomadas para evitar a disseminação da doença na cidade, incluindo a restrição de circulação de pessoas e o fechamento de setores econômicos, abrangendo principalmente comércio e o setor de serviços.

Tais medidas impactaram a economia local, afetando diretamente o mercado de trabalho. No primeiro semestre de 2020, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), somando os meses de janeiro a junho, foram contratadas 15 mil pessoas na cidade, e foram desligadas de seus postos de trabalho 14,6 mil cidadãos. Com um saldo positivo nas contratações de apenas 382 vagas.

Isso se deve ao fato de que nos meses de março (-58), abril (-968) e maio (-107) este saldo ficou negativo, voltando a ser positivo somente em junho, com 292 contratações a mais do que demissões. Os setores que mais demitiram foram a construção civil e o comércio, com 4,3 mil e 2,3 mil desligamentos, respectivamente. O que ressalta ainda mais como estes setores foram impactados pela pandemia do novo coronavírus.

No mês de junho, com a retomada de algumas atividades e a abertura parcial do comércio em Rondonópolis, a cidade registrou um total de 2,2 mil contratações, sendo que o

setor que mais contratou foi o de serviços, com 932 contratações, seguido do comércio, com 541 novas vagas preenchidas. Isto representa uma leve retomada da economia local, num momento em que os números de casos confirmados na cidade somavam um aumento de aproximadamente 550% em relação ao mês anterior, chegando a marca de 1,5 mil casos.

De acordo com o boletim epidemiológico publicado pela prefeitura de Rondonópolis (10 de agosto), os casos confirmados desde o início da pandemia somam 5,2 mil, com 4,6 mil recuperados e 203 óbitos. Diante do avanço dos casos da doença na cidade, é cedo para falarmos em recuperação econômica, mas percebemos como os setores vem lidando com a pandemia, se adaptando a novas formas de trabalhar, tomando todas as medidas de segurança recomendadas pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde, para se manter abertos e produtivos, e manter a economia local girando, se preparando para que num futuro próximo a crise atual se torne apenas uma lembrança de tempos difíceis, mas que geraram grandes aprendizados.

Prof. Ms. Juliano Morais Galle  
Aluna Wanessa Ramos Machado

## Do aluno para você

Considerando o nível de desemprego do Brasil, observa-se que entre janeiro e junho de 2020 houve um aumento de 1,7% na taxa de desocupação dos postos de trabalho. Ainda para o mesmo período, constata-se um número significativo de desalentados, que chega a 5,7 milhões de pessoas, que por algum motivo desistiram de procurar emprego (IBGE-PNAD). Dentre aqueles que mantiveram seus postos de trabalho, 9,6 milhões de trabalhadores tiveram sua carga horária e salário reduzidos, segundo dados do Ministério da Economia. Ao mesmo tempo que o nível de emprego diminuiu, observou-se um aumento de 913,1 mil microempreendedores individuais (MEI), nos meses de janeiro a julho de 2020, de acordo com o Portal do Empreendedor. Estes números são reflexo dos efeitos da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro.

No estado do Mato Grosso, os impactos no emprego também foram negativos, sendo abril o mês com os piores resultados, quando foi alcançado o patamar de 27,7 mil demissões. Porém, já no mês de junho, alguns sinais positivos foram identificados para o estado mato-grossense, principalmente no setor agropecuário, que se destacou no número de contratações. E também, no que diz respeito ao número de microempreendedores no estado, que aumentou 10,33% no primeiro semestre de 2020.

Em Rondonópolis, o impacto do Coronavírus no emprego não levou a um saldo negativo de postos de trabalho, pelo menos nos meses de janeiro a junho de 2020, apesar de todos os efeitos da pandemia, verificou-se um saldo positivo de 292 vagas de emprego no município. Porém, o número de demissões chegou a 14,6 mil. Quando se analisa os microempreendedores, a exemplo do que aconteceu no estado de Mato Grosso, houve um aumento de 1,2 mil MEI's no primeiro semestre de 2020.

Assim, percebe-se que a pandemia impactou de forma significativa o mercado de trabalho, posto que diversas pessoas perderam seus empregos ou tiveram sua jornada de trabalho afetada de alguma forma. E aqueles que já se encontravam em desalento, depararam-se com um cenário ainda mais desafiador. Em conjunto com tais circunstâncias, pôde ser visto um aumento no número de microempreendedores individuais cadastrados, muito provavelmente, por conta da busca dos indivíduos em manter a sua renda, frente ao cenário adverso gerado pela pandemia.

Helôisa Cajango Santana  
José Carlos Ferreira da Silva

\*Todos os dados da COVID-19 foram coletados dia 02 de Setembro de 2020 no site da CONASS - Conselho Nacional de Secretários de Saúde. <https://www.conass.org.br/>

Todos os dados de mercado de trabalho são do NOVO CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged>

Apoio: UFR/PROECE/CAMEX

### Equipe:

#### Corpo docente:

- Prof. Dra. Anieli Fagundes Carrara;
- Prof. Ms. Juliano Morais Galle;
- Prof. Dra. Kelly Cardoso Faro;
- Prof. Dr. Renato Nataniel Wasques.

#### Corpo discente:

- Alan Fernando Gil Vaz de Mello;
- Heloisa Cajango Santana;
- José Carlos Ferreira da Silva;
- Rafael Aparecido de Almeida;
- Wanessa Ramos Machado.